

Saúde. Aumento ocorreu em apenas seis anos, revela Levantamento Nacional de Álcool e Drogas, divulgado por pesquisadores da Universidade Federal de São Paulo; Lei Seca reduziu hábito de beber e dirigir, mas não alterou o padrão de consumo de bebidas

Consumo nocivo de álcool cresce 31%, especialmente entre mulheres jovens

Fernanda Bassette

O consumo abusivo de álcool cresceu 31,1% entre os brasileiros nos últimos seis anos, especialmente entre as mulheres jovens, de acordo com o 2.º Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (Lenad), divulgado ontem por pesquisadores da Universidade Federal de São Paulo. Foram entrevistadas 4.607 pessoas com 14 anos ou mais, em 149 municípios brasileiros.

Esse crescimento foi observado no chamado “beber em binge”, um indicador que demonstra quando a pessoa ingere grandes doses de álcool (4 para as mulheres, 5 para os homens) em menos de duas horas. Entre as mulheres, o aumento foi de 36% – no ano passado, metade delas bebeu dessa maneira. Entre os homens, o número subiu 29,4%.

“Houve um crescimento do beber excessivo entre as mulheres. Esse é o grupo mais vulnerável. Além do fator renda, que permite mais acesso às bebidas, elas estão mais expostas ao mercado de trabalho, e a mulher que tem vida social como o homem acaba bebendo como o homem”, diz o

psiquiatra Ronaldo Laranjeira, um dos autores da pesquisa.

A gerente de vendas Alessandra Maia, de 24 anos, engrossa essa estatística. Ela diz que bebe desde os 15 anos, em diversas situações: em casa, com amigos, com o namorado. “Quando é para ir para a balada, a gente costuma dizer que coloca o pé na jaca”, diz a jovem, que afirma nunca ter passado mal por conta dos excessos. “Só chego a um ponto que dá alegria”, afirmou.

Apesar de a pesquisa demonstrar que mais da metade da população brasileira não consome álcool (52%), houve um aumento geral de 20% na frequência do uso de bebidas alcoólicas. “A estrutura do beber não mudou. A metade da população que não bebia continua não bebendo. O que preocupa é que aumentou o consumo e a frequência do consumo entre os bebedores, que é a outra metade”, afirma o pesquisador Laranjeira.

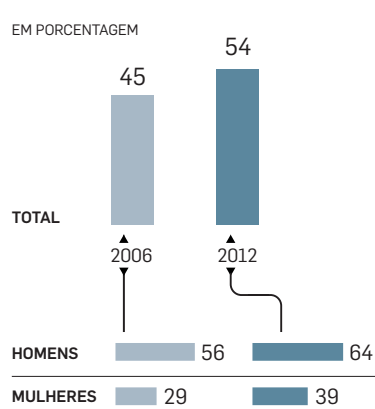
Os dados demonstram que os 20% que mais bebem consomem 56% de todo o álcool comercializado. Além disso, 32% dos adultos que bebem disseram já não terem sido capazes de parar de beber depois de começar; 10% dizem que alguém já se machucou em consequência do seu consumo de álcool; e 8% admitem que a bebida já teve efeito prejudicial no local de trabalho.

Saúde pública. Um dos dados que chamam a atenção na pesquisa é que, depois que a Lei Seca entrou em vigor, o número de

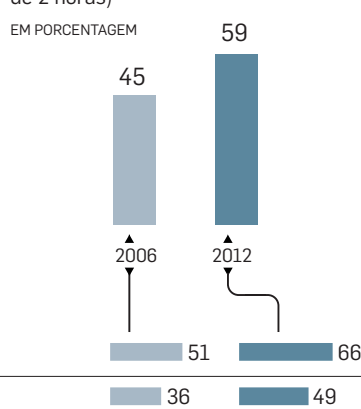
ÁLCOOL NO BRASIL

● 4.607 pessoas com 14 anos ou mais responderam a 800 questões em 149 municípios

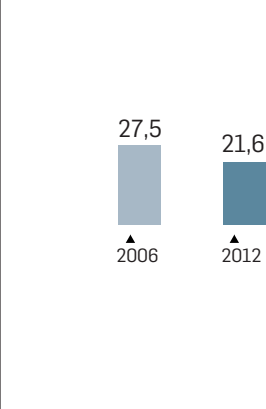
Proporção de bebedores frequentes entre adultos



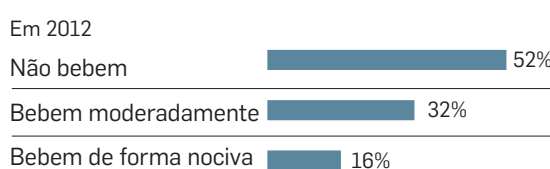
Beber em binge (4 ou 5 doses em menos de 2 horas)



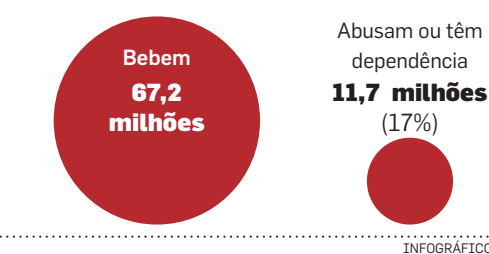
Bebida e direção



Abuso e dependência



Total



pessoas que relatou ter bebido e dirigido no último ano caiu 21% – o que demonstra uma tendência de diminuição desse hábito.

Mas, segundo os pesquisadores, a lei não teve nenhum impacto na diminuição do consumo de álcool. “A Lei Seca é boa para a Lei Seca, para diminuir acidentes, e não para a redução do padrão de

consumo”, diz Laranjeira.

“Temos 1 milhão de locais de venda de álcool no País. Esse mercado não foi mexido. A indústria tenta se expandir, e essa tendência continua intocada. Não temos nenhuma política pública para desestimular o consumo. A única política existente é aquela que desestimular o beber e diri-

gir, e isso é bem diferente”, diz.

A psicóloga Ilana Pinsky, vice-presidente da Associação Brasileira de Estudo de Álcool e Drogas (Abead), também critica a falta de políticas públicas.

“Dificultar o acesso é a primeira providência que o governo precisa tomar. Também é necessário reduzir os locais de venda do

Independência

‘QUANDO FICO TONTA, JÁ PARO’

Jovens afirmam que bebem, mas moderadamente

Mônica Reolom

Estudante de Jornalismo Marina Escarminio, de 20 anos, começou a beber aos 16 – “tarde para os tempos de hoje”, segundo ela. “No início, eu experimentava caipirinha de saquê nas baladas. Comecei tarde, sou filha única e minha mãe sempre me segurou mais”, afirma.

Dos 18 anos em diante, Marina passou a sair com as amigas quase todos os finais de semana. “Gostamos de dançar e de salsa. Então, fazemos rodadas de tequila.” Em geral, as doses são distribuídas ao longo da noite. “Até o final da balada fazemos três ou quatro rodadas, mas não é direto. Bebemos quando chegamos no bar, depois dançamos um pouco, depois fazemos outra. Vamos intercalando as doses entre conversas e dança.” Marina, que considera seu

organismo resistente à bebida, conta que chega a ingerir quatro doses de tequila em uma hora e meia – característica do chamado “beber em binge”. Quando isso acontece, diz, costuma ficar sem beber nada no resto da noite. “Fico nisto, não exagero. A maioria (dos amigos) continua bebendo, mas eu paro para não passar vergonha.” A estudante diz que “aprendeu a beber depois de tomar um porre” em um churrasco no último ano do ensino médio, há três anos. “Agora, quando fico tonta, eu já paro.”

A fotógrafa Sabrina de Souza Coelho, de 25 anos, diz que bebe tanto quanto os homens da mesa quando vai a um bar com os amigos, programa que costuma ser semanal. O fato de as mulheres estarem bebendo mais, para Sabrina, tem a ver com a conquista da independência feminina nas últimas décadas.

“As mulheres estão saindo mais porque agora cada uma tem o seu trabalho e o seu dinhei-



DANIEL TEIXEIRA/ESTADÃO

Resistente. Marina diz beber 4 doses em uma hora e meia

ro, para gastar com o que quiser”, acredita a fotógrafa.

Marina e Sabrina são dois exemplos que ilustram o aumento do consumo excessivo entre as mulheres. “Esse fato está acontecendo no Brasil de uma maneira muito rápida, da mesma forma que aconteceu na década de 1960, quando as mulheres começaram a fumar”, avalia o psiquiatra Ronaldo Laranjeira, um dos autores da pesquisa que ava-

liou o consumo de álcool no País entre 2006 e 2012.

Marina, por exemplo, conta que já competiu com um amigo para ver quem bebia mais cerveja. Ela ganhou após tomar nove copos – o amigo parou no oitavo. Mesmo assim, ela ressalta que as mulheres ainda sofrem com a imagem negativa do hábito: “Me comporto. Bebo socialmente e só no final de semana”.

PMs do Rio bebem mais que policiais civis

Heloisa Aruth Sturm / RIO

Um estudo realizado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) entre agentes de segurança pública do Rio mostrou que policiais militares fazem uso mais excessivo de bebida alcoólica do que policiais civis. A frequência do consumo é semelhante nas duas corporações – cerca de 11% dos agentes bebem diariamente e 33%, ao menos uma vez por semana.

A diferença está relacionada à quantidade ingerida: 19,2% dos policiais militares bebem entre 10 a 19 doses da bebida de uma só vez, percentual quase três vezes maior que o observado entre os policiais civis.

O consumo de substâncias ilícitas, como maconha, cocaína e

● **Abuso**
30%
dos PMs se embriagam durante 20 ou mais dias por mês

0,5%
é o percentual entre policiais civis

crack, também é maior entre os PMs: cerca de 1,1% usa drogas ilegais, quase dez vezes mais que os policiais civis. A pesquisa trabalhou com uma população estimada de 1.437 policiais civis e de 10.342 policiais militares, analisando questionários aplicados aos policiais entre os anos de 2003 e 2008.

De acordo com Patrícia Constantino, uma das quatro autoras do artigo, esses percentuais podem ser maiores. “Muitos podem ter se sentido constrangido por responder ao questionário.” Ela destaca, no entanto, que o consumo de álcool entre os agentes não está distante do verificado na parcela total da população brasileira.

Efeitos. Após consumir álcool e outras substâncias, os policiais relataram problemas com a família e de agressividade. Entre os relatos estão os distúrbios de saúde, dificuldade nas relações sexuais e ausência do uso de preservativos, além de problemas no trabalho e falta ao serviço.

“O uso das substâncias pode aparecer como uma válvula de escape à pressão decorrente do processo de trabalho. Vários estudos demonstram que há relação com um processo de trabalho estressante, em que o risco é iminente, e com a própria perspectiva do estresse pós-traumático”, diz Patrícia.

Câmara do Uruguai aprova casamento gay

MONTEVIDÉU

A Câmara de Deputados do Uruguai aprovou na noite de ontem o casamento gay no país. A proposta, que já havia passada pelo Senado, teve o aval de 71 dos 92 deputados. Agora, o projeto será encaminhado ao presidente Jose Mujica, cujo partido apoiou a mudança, e deverá ser sanciona-

do nos próximos dez dias.

Com a aprovação, o Uruguai passa a ser o terceiro país das Américas a legalizar o casamento homossexual – Argentina e Canadá também já adotaram medidas similares. No total, doze países já aprovaram legislação que autoriza o casamento gay. Outros, como é o caso do Brasil, já tiveram algum tipo de união está-

vel considerada legal pelo poder judiciário.

“Nós estamos vivendo um momento histórico”, afirmou Federico Grana, líder de um dos grupos de direitos dos homossexuais que ajudou na formulação da proposta. “Nós calculamos que os primeiros casais gays já poderão se casar em 90 dias após a promulgação da lei, ou seja, em

meados de julho.”

Enquanto alguns países conseguiram criar novos direitos para homossexuais sem afetar os casais heterossexuais, o Uruguai está criando um único conjunto de regras para todas as pessoas, gays ou não. Em vez de usar as palavras “marido e mulher” nos contratos de casamento, a nova lei prevê o uso de “partes contra-

tantes”. Todos os casais poderão adotar crianças ou fazer procedimentos de fertilização in vitro. A legislação também aumenta a idade mínima para que as pessoas possam se casar: de 12 anos para mulheres e 14 anos para homens para 16 anos para ambos os gêneros.

Fora do Congresso, casais gays de mãos dadas, travestis e transexuais pularam de alegria quando o resultado foi anunciado. Pessoas em costumes carregando bandeiras com arco-íris –

símbolo do movimento gay – e com o brasão do Uruguai dançavam música eletrônica.

“Eu tenho todos os direitos e obrigações como todo mundo. Pago minhas taxas e cumprio minhas obrigações. Porque eu tenho de ser discriminado?”, disse Roberto Acosta, um aposentado de 62 anos. Já a Igreja Católica do Uruguai afirmou que o conceito de igualdade nesse caso “não é justiça, mas uma assimilação inconsistente que só vai enfraquecer o casamento.” / AP